

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO FACULDADE DE LETRAS

VITÓRIA LUIZE MENDES DA SILVA

ARGUMENTAÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA: um estudo de *fake news* sobre as vacinas
da covid-19

Rio de Janeiro
Dezembro de 2025

Vitória Luíze Mendes da Silva

ARGUMENTAÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA: um estudos de *fake news* sobre as vacinas da COVID-19

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Leonor Werneck dos Santos

Rio de Janeiro
Dezembro de 2025

CIP - Catalogação na Publicação

584 Silva, Vitória Luíze Mendes da
 Argumentação e análise linguística: um estudo de
 fake news sobre as vacinas da Covid-19 / Vitória
 Luíze Mendes da Silva. -- Rio de Janeiro, 2025.
 49 f.

Orientador: Leonor Werneck dos Santos .
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português -
 Literaturas, 2025.

1. Fake News. 2. Análise linguística. . 3.
 Argumentação.. 4. Jornalismo. I. Santos , Leonor
 Werneck dos, orient. II. Título.

Vitória Luíze Mendes da Silva

ARGUMENTAÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA: um estudo de *fake news* sobre as vacinas
da covid-19

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ,
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do título de Licenciado em Letras na
habilitação Português-Literaturas.

Aprovada em:

Prof^a. Dr^a. Leonor Werneck dos Santos - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Ana Beatriz Rangel - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Leitor Crítico

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho é fruto de um percurso repleto de desafios e aprendizagens, e seria impossível concretizá-lo sem o apoio de muitas pessoas às quais sou imensamente grata.

Primeiramente, agradeço a Deus, pela força, proteção e sabedoria ao longo desta jornada.

À minha família, principalmente minha mãe, Elisabete, que esteve ao meu lado em todos os momentos, oferecendo amor, paciência e incentivo incondicional. Gostaria de agradecer também ao apoio dos meus irmãos, Cássio e Camila, e do meu pai, Osório. Vocês são a base de tudo que conquisto e sou imensamente grata por serem a minha maior fortaleza.

Ao meu namorado, Victor, que durante todo esse processo de escrita do TCC foi meu grande parceiro e incentivador. Obrigada, amor, pelo carinho e companheirismo de sempre.

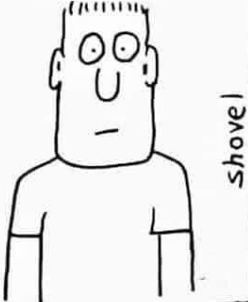
Aos meus amigos, em especial, Marlon, Larissa e Maria Eduarda por serem meus parceiros, compartilhando alegrias, desafios e palavras de motivação nos momentos difíceis durante a graduação. Obrigada por tornarem essa trajetória mais leve e divertida.

Agradeço à minha orientadora, Leonor Werneck dos Santos, pela dedicação, paciência e orientação fundamental em cada etapa deste trabalho. Sua experiência e generosidade foram essenciais para a concretização desta monografia. Além disso, não poderia deixar de agradecer a todos os integrantes do GPLINT (Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto) pelas reuniões semanais, que garantiram não somente aprendizados acadêmicos, como também momentos de confraternização, apoio e risadas.

Aos professores e colegas do curso, que contribuíram para o meu crescimento acadêmico e pessoal, seja por meio de discussões, apoio ou palavras de encorajamento ao longo desses cinco anos de graduação.

Por fim, sou grata a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, deixando marcas significativas em minha trajetória acadêmica e pessoal.

Muito obrigada!

Verdade	Pós - Verdade
Penso, logo existo.	Acredito, logo estou certo.
	

RESUMO

ARGUMENTAÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA:

UM ESTUDO DE *FAKE NEWS* SOBRE AS VACINAS DA COVID-19

Vitória Luize Mendes da Silva

Orientadora: Professora Dr^a Leonor Werneck dos Santos

De acordo com Charaudeau (2022), a capacidade de os sujeitos acreditarem em notícias falsas contribui com o desenvolvimento de uma sociedade validada prioritariamente por suas crenças e juízos de valor individuais, em detrimento da verdade ou apuração dos fatos. Com base nesse pressuposto, é possível observar uma tendência político-social presente na linguagem, fomentado pelo fenômeno da pós-verdade, em que o apelo à emoção adquire mais credibilidade do que os fatos da realidade. Dessa forma, com a ausência de checagem e verificação do conteúdo exposto, atribui-se um valor de verdade às *fake news* em contextos estimulados por pré-determinações e preconceitos – oriundos de princípios ideológicos adotados pelos sujeitos. Diante do excesso de notícias falsas circulando pela internet atualmente, pretendemos realizar uma análise, sob a perspectiva da Linguística de Texto, acerca de *fake news* disseminadas sobre as vacinas da covid-19, retiradas do site de checagem Boatos.org e do site Coletividade evolutiva, famoso por propagar informações falsas, em comparação com o portal de notícias Veja Saúde. Os objetivos da pesquisa consistem em: (1) verificar comparativamente o contexto enunciativo, as escolhas linguísticas e a organização textual em relação ao gênero discursivo notícia e (2) investigar a existência de regularidades linguísticas e formais conforme o propósito sociocomunicativo das *fake news*. Os pressupostos teóricos que embasam este trabalho buscam uma interface entre os estudos da Linguística de Texto (Koch, 2004; Marcuschi, 2008; dentre outros autores) e os pressupostos teóricos dos estudos da Argumentação, de acordo com Adam (2011); Cabral (2016). Sendo assim, buscamos nos certificar de que é possível reconhecer o fenômeno das *fake news* como um discurso que se apropria dos valores jornalísticos e de sua estrutura narrativa para receber o status de acontecimento verídico com objetivos informativos.

Palavras-chave: Linguística de Texto; *fake news*; argumentação; notícia; pós-verdade

ABSTRACT

ARGUMENTATION AND LINGUISTIC ANALYSIS: A STUDY OF FAKE NEWS ABOUT COVID-19 VACCINES

Vitória Luíze Mendes da Silva

Advisor: Professor Dr. Leonor Werneck dos Santos

According to Charaudeau (2022), the ability of individuals to believe in fake news contributes to the development of a society primarily validated by personal beliefs and value judgments, rather than by truth or fact-checking. Based on this premise, a political-social trend present in language can be observed, fueled by the phenomenon of post-truth, in which emotional appeal gains more credibility than factual reality. Thus, in the absence of verification and fact-checking, fake news is attributed truth value in contexts shaped by predispositions and prejudices—stemming from ideological principles adopted by individuals. Given the current overflow of false news circulating on the internet, this research aims to conduct an analysis, from the perspective of Text Linguistics, of fake news about covid-19 vaccines disseminated online. These texts were collected from the fact-checking site Boatos.org and from Coletividade Evolutiva, a website known for spreading misinformation, and were compared with reports from the reputable news portal Veja Saúde. The research objectives are: (1) to comparatively examine the enunciative context, linguistic choices, and textual organization in relation to the news discourse genre; and (2) to investigate the existence of linguistic and formal regularities in accordance with the socio-communicative purpose of fake news. The theoretical framework of this study lies at the intersection of Text Linguistics (Koch, 2004; Marcuschi, 2008; among others) and the theoretical assumptions of Argumentation Studies, according to Adam (2011) and Cabral (2016). We aim to confirm that fake news can be recognized as a type of discourse that appropriates journalistic values and narrative structures in order to acquire the status of truthful events with informational purposes.

Keywords: Text Linguistics; fake news; argumentation; news; post-truth

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PERSPECTIVA ARGUMENTATIVA NA LINGÜÍSTICA DE TEXTO	14
1.1. Breve histórico da Linguística de Texto.....	17
1.2. Os processos de argumentação na língua.....	19
2. FAKE NEWS: A BUSCA POR UMA DEFINIÇÃO.....	22
2.1 O campo jornalístico na era da pós-verdade.....	26
2.2 O gênero textual notícia e suas implicações.....	29
3. OS PROCESSOS DE ARGUMENTAÇÃO E A ESTRUTURA DAS FAKE NEWS...	31
4. METODOLOGIA.....	34
4.1. Análise do <i>corpus</i>	35
4.2. Síntese dos Resultados: Comparação das <i>Fake News</i> com o gênero notícia.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

INTRODUÇÃO

Esta monografia está fundamentada na Linguística de Texto (Fávero, 1985; Koch, Travaglia, 2004; Bentes, 2004; Marcuschi, 2008), em que tomamos a concepção de linguagem pelo viés sociocognitivo interacionista, visto que avaliamos e interpretamos as condições de produção e recepção dos textos inseridos dentro de um contexto sociocomunicativo específico. Em razão disso, a pesquisa apresenta como objeto de estudo as *fake news* disseminadas nas redes sociais durante a pandemia da covid-19 ao decorrer dos anos de 2020 e 2021. Para além desse arcabouço teórico, busca-se estabelecer uma comparação entre as *fakes news* e o gênero textual notícia, por meio de três categorias de análise textual: (1) contexto enunciativo; (2) escolhas linguísticas e (3) organização textual (Cabral, 2016).

Em primeiro lugar, é imprescindível definir conceitualmente o fenômeno comunicativo das *fake news*, que se encontram estabelecidas em um contexto extremamente volátil e recente da sociedade. Assim, podemos definir a expressão *fake news* como uma prática com a intencionalidade enunciativa de enganar o público-leitor (Meneses, 2018).

Para dialogar com a investigação acerca das *fake news*, utilizamos como base teórica a Linguística de Texto (LT) em que nos apropriamos da definição sobre a relação entre língua, texto e contexto estabelecida por (Koch, 2004), na qual postula que para construir sentido na materialidade dos textos, a compreensão do estudo de seu contexto é absolutamente necessária. Assim, à luz da Linguística de Texto:

Na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que — dialogicamente — nele se constroem e por ele são construídos. (KOCH, 2004, p.44, grifos da autora).

Nesse sentido, as *fake news* partem de um cenário político de cunho ideológico, que servem como instrumento para manifestar visões polarizadas e manipular informações, movendo-se em disputa com o domínio jornalístico¹. Declarada em 2017 como a palavra no ano pela Collins Dictionary as *fake news* receberam destaque nas eleições presidenciais nos EUA, em 2016 e, durante o processo de saída do Reino Unido da União Europeia (*Brexit*). O termo foi popularizado em circunstâncias políticas, durante as eleições presidenciais, quando

¹ HERMÍNIO, B. Fake news: origem, usos atuais e regulamentação — Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/fake-news-origem-usos-atuais-e-regulamentacao>. Acesso em 10 jul. 2024.

o ex-presidente Donald Trump se recusou a responder uma pergunta de um jornalista da CNN em uma coletiva de imprensa, ao declarar que: “*I’m not going to give you a question. You are fake news*”². Esse enunciado tomou grande repercussão internacional, popularizando o termo *fake news* nas relações sociais do senso comum, principalmente, no campo da informação midiática.

De fato, muito tem se discutido sobre o poder da desinformação presente no discurso propagado pelas *fake news* nas mídias digitais, reverberado pela rapidez de se comunicar e trafegar na internet. Assim, a inclinação de se acreditar em notícias falsas elabora uma sociedade validada pelas suas crenças e juízos de valor, em detrimento da verdade ou apuração dos fatos objetivos (Charaudeau, 2022). Isso significa dizer que existe uma tendência político-social de não verificar o conteúdo exposto, atribuindo-lhe um valor de verdade, baseado em pré-determinações, ideologicamente orientadas pelos sujeitos sociais.

Por esse viés, é possível reconhecer que a propagação de mentiras, boatos e falsos relatos com a intenção de enganar, aniquilar reputações, levantar hipóteses de conspiração e causar tumulto social para atacar oponentes em circunstâncias políticas estão presentes na cultura da comunicação humana há centenas de anos.

Diante desse cenário, a motivação para a produção desta nossa pesquisa surge a partir da importância de compreender o funcionamento das *fake news* discursivamente, visto que, atualmente, com a eclosão das redes sociais, as informações tornam-se extremamente frágeis, e perdem o lugar de confiabilidade. Além disso, para atuar no combate dos problemas desencadeados pela disseminação das *fake news*, em primeiro lugar, devemos identificar os mecanismos textuais recorrentes de seu uso, a fim de que sejam desenvolvidas estratégias de leitura capazes de reconhecer, prontamente, uma informação falsa ou que distorça a realidade dos fatos.

Nosso objetivo geral é definir o conceito de *fake news*, e, posteriormente, analisar textual e discursivamente como elas se apropriam de características prototípicas das notícias para exercerem seus processos argumentativos. Para isso, os objetivos específicos consistem em analisar comparativamente o contexto enunciativo das *fake news* diante de uma notícia verdadeira, observando as escolhas linguísticas e a organização textual em relação ao gênero discursivo notícia. Além disso, investigaremos a existência de regularidades linguísticas e

² JAMIESON, A. “You are fake news”: Trump attacks CNN and BuzzFeed at press conference. *The Guardian*, 11 jan. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/jan/11/trump-attacks-cnn-buzzfeed-at-press-conference>. Acesso em 2 fev. 2024.

formais, conforme o propósito sociocomunicativo das *fake news* — caracterizando-se como um fenômeno com objetivos desinformativos que se distanciam cada vez mais do gênero notícia. Para isso, limitamo-nos a focar em notícias falsas sobre vacinas da covid-19, durante o período de 2020-2022.

O primeiro capítulo desta monografia se dedica a expor e refletir acerca dos pressupostos teóricos da Linguística de Texto, traçando um breve percurso histórico, em que exploraremos as condições de existência dos gêneros textuais sob a perspectiva desse campo de estudo. O capítulo 2 explora as diversas definições teóricas de significação acerca da expressão *fake news* em diferentes instâncias do conhecimento, como também examina o papel do jornalismo no século XXI, diante de uma prática jornalística que pode estar contribuindo para a fomentação das *fake news* nas mídias sociais. Em seguida, capítulo 3 aborda os principais elementos que compõem a estrutura argumentativa das *fake news*, analisando como suas características linguísticas e organizacionais contribuem para seu poder de influência e disseminação. Inicialmente, discute-se o contexto enunciativo, destacando os fatores situacionais e os papéis dos interlocutores no processo de comunicação. Também serão exploradas as escolhas linguísticas, evidenciando como determinados recursos discursivos são utilizados para construir credibilidade e apelo emocional. Na sequência, é apresentada a organização textual, enfatizando as estratégias de coerência e coesão que tornam essas mensagens mais convincentes. Por fim, examinamos a relação entre linguagem, contexto e *fake news*, demonstrando como essas dimensões interagem para manipular interpretações e perpetuar desinformação. No capítulo 4, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a análise das *fake news* e da notícia, detalhando os critérios de seleção, abordagem do corpus e os métodos utilizados para interpretar os dados. Na seção 4.1, é descrita a análise do corpus, com foco nas características linguísticas e discursivas identificadas nas *fake news* selecionadas. Em seguida, na seção 4.2, sintetizamos os principais resultados, destacando os padrões recorrentes e suas implicações para o estudo da argumentação e do impacto das *fake news*.

Dessa forma, nossa pesquisa se desenvolve de maneira qualitativa, com enfoque descritivo e analítico, embasada nos pressupostos teóricos da Linguística de Texto e dos estudos sobre a Argumentação. Pretendemos analisar as *fake news* disseminadas sobre as vacinas da covid-19, com ênfase nas suas características linguísticas e textuais, assim como nos contextos enunciativos em que essas notícias falsas foram produzidas e disseminadas. O *corpus* da pesquisa é composto por duas *fake news* e uma notícia sobre as vacinas da covid-19, retiradas, respectivamente, do site “Boatos.org” (site de checagem especializado em

desmentir *fake news*), do portal de notícias “Coletividade Evolutiva” e do portal de notícias “Veja Saúde”.

Para isso, tomaremos como base na premissa de que as *fake news* analisadas foram instrumentalizadas com a intencionalidade de enganar e gerar comoção ao público leitor, utilizando-se de determinados padrões textuais e discursivos comumente encontrados em textos jornalísticos tal qual as notícias.

Sendo assim, as *fake news* recorrem, notoriamente, a dados estatísticos; argumentos de autoridade; teses e antíteses e a utilização de informações objetivas com o intuito de transparecer neutralidade. Em contrapartida, essas características textuais estão vinculadas a discursos alarmistas e conspiracionistas sobre as vacinas da covid-19, com a intencionalidade de convencer os leitores a adotarem uma posição antivacina.

1. A PERSPECTIVA ARGUMENTATIVA NA LINGUÍSTICA DE TEXTO

A argumentação é um campo de estudo abrangente dentro da Linguística de Texto, envolvendo diversas conceituações e abordagens. Nos estudos tradicionais da retórica, a argumentação é entendida como um conjunto de estratégias discursivas voltadas para convencer, persuadir ou influenciar o interlocutor em um determinado texto ou contexto comunicativo. Segundo Dittrich (2008, p. 22), a retórica do discurso estabelece que

O objetivo do orador é convencer (ou persuadir) por meio do discurso, utiliza-se dos argumentos técnicos para falar à razão, da organização discursiva e da expressividade das palavras para aguçar a sensibilidade do auditório, despertando-lhe o interesse e mantendo sua atenção, de um jogo de representações para impressioná-lo positivamente, apresentando-se como alguém passível de credibilidade e com legitimidade para propor sua opinião.

Dittrich destaca a importância da organização discursiva e da expressividade das palavras, que são essenciais para captar a atenção do público e estabelecer a credibilidade do orador. Esse processo de convencimento envolve não apenas argumentos lógicos, mas também apelos emocionais e éticos, criando um diálogo complexo entre razão e sentimento. A retórica, portanto, não se limita à estrutura do discurso, mas também abrange a interação social e a construção de significados no contexto comunicativo.

Diante disso, a argumentação, vista como um processo discursivo, não está restrita a gêneros textuais tipicamente argumentativos (como artigos de opinião ou ensaios), mas pode ser identificada em diversos tipos de texto, inclusive em gêneros informativos como a notícia. Nesse contexto, a Linguística de Texto busca compreender como a construção do sentido e a organização textual contribuem para a efetividade da argumentação.

Nesse sentido, a Linguística de Texto, como campo de estudos, preocupa-se com a maneira como os textos são organizados, tanto em termos de coesão — as relações formais entre os elementos do texto, quanto de coerência — construção de sentido. No que se refere à argumentação, esses dois conceitos desempenham um papel crucial na sustentação de um ponto de vista ou na defesa de uma tese.

A coerência refere-se à construção lógica e semântica de um texto, que garante que suas partes sejam compreendidas como um todo significativo. Em termos argumentativos, a coerência é essencial, pois os argumentos apresentados devem seguir uma sequência lógica que sustente a posição do autor. Como discutido por Koch; Travaglia (2004), a coerência se constrói a partir das inferências que o leitor faz com base no texto, e a argumentação depende

dessa capacidade de o leitor entender as relações causais, explicativas ou conclusivas que estão sendo estabelecidas. Sendo assim, os autores preconizam que:

[...] Considera-se, pois, a coerência como princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários de recuperar o sentido do texto pelo qual interagem, capacidade essa que pode ter limites variáveis para o mesmo usuário dependendo da situação e para usuários diversos, dependendo de fatores vários (como grau de conhecimento sobre o assunto, grau de conhecimento de um usuário pelo outro, conhecimento dos recursos linguísticos utilizados, grau de interação dos usuários entre si e/ou com o assunto, etc.). [...] A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução comunicativa, que determina não só a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também, com frequência, qual sentido se estabelece (Koch; Travaglia, 2004, p. 36).

Um aspecto crucial da argumentação é a modalização, que se refere à forma como o autor expressa seu posicionamento em relação às informações apresentadas no texto. Dessa forma, a modalização pode envolver o uso de recursos linguísticos para indicar certeza, dúvida, suposição, ou avaliação pessoal dos fatos. Ao utilizar recursos como advérbios, verbos modais, o autor não só transmite informações, mas também posiciona-se em relação a elas, o que pode influenciar a percepção do leitor. Por exemplo, ao dizer "*é provável que*" em vez de "*certamente*", é expressa uma nuance de incerteza, convidando o leitor a refletir sobre a possibilidade apresentada.

As estratégias discursivas desempenham um papel fundamental na construção e sustentação dos argumentos apresentados pelo autor. Dentre essas estratégias, a definição e exemplificação são recursos amplamente utilizados para esclarecer conceitos e tornar mais tangível a ideia central do texto. Ao definir termos e oferecer exemplos concretos, o autor facilita a compreensão do leitor e torna mais acessível a adesão à tese defendida.

Ademais, outra estratégia essencial é a refutação de contra-argumentos, que ocorre quando o autor antecipa possíveis objeções à sua posição e as rebate de forma convincente. Essa abordagem não apenas fortalece o ponto de vista do enunciador, mas também demonstra que ele considerou outras perspectivas, o que confere maior solidez à argumentação.

O apelo à autoridade é outro recurso frequente em textos argumentativos. Ao citar especialistas ou fontes reconhecidas e confiáveis, o autor legitima seus argumentos e confere maior credibilidade ao que está sendo dito. Essa estratégia é eficaz principalmente em temas técnicos ou polêmicos, onde a palavra de uma autoridade no assunto pode influenciar a opinião do leitor.

Além disso, a argumentação pode combinar apelos emocionais e racionais. O apelo racional baseia-se em dados, fatos e lógica para convencer o leitor, enquanto o apelo emocional busca evocar sentimentos, como empatia ou indignação, para influenciar a

interpretação dos argumentos. O equilíbrio entre essas duas abordagens torna o texto mais dinâmico e persuasivo, atingindo tanto o intelecto quanto as emoções do público. Assim, essas estratégias argumentativas contribuem para a construção de um texto coeso e persuasivo, permitindo ao autor sustentar suas ideias.

Embora a argumentação seja geralmente associada a textos opinativos, como editoriais ou ensaios, ela também pode ser identificada em outros gêneros. Na notícia, por exemplo, a escolha de palavras, a forma como os fatos são apresentados e a seleção das fontes podem ser estratégias argumentativas sutis que influenciam a interpretação do leitor, mesmo que o texto tenha, a princípio, um caráter informativo. Como ressaltado por Fávero; Koch (1983), todo texto tem algum grau de argumentatividade, uma vez que a seleção e a organização das informações estão sempre guiadas por uma intenção comunicativa específica.

A perspectiva argumentativa na Linguística de Texto permite uma análise mais aprofundada de como os textos buscam influenciar seus leitores, tanto pela organização textual quanto pelas escolhas linguísticas e discursivas. Ao considerar a argumentação como uma prática discursiva que permeia diferentes gêneros textuais, a Linguística de Texto oferece ferramentas valiosas para entender os mecanismos subjacentes à construção do sentido e à persuasão em contextos variados. Esse enfoque é especialmente relevante em tempos de desinformação e *fake news*, em que a argumentação pode ser usada tanto para promover a verdade quanto para distorcer os fatos.

1.1 Breve histórico da Linguística De Texto

A Linguística de Texto no Brasil tem uma história rica e multifacetada, refletindo tanto as influências de tendências teóricas internacionais quanto as peculiaridades do contexto linguístico e sociocultural brasileiro. Desde os primeiros estudos na década de 1960 até as abordagens contemporâneas, a área tem se consolidado como uma disciplina importante para a análise de textos em diversos contextos e níveis. Este histórico vai abordar as principais influências, marcos teóricos e as contribuições brasileiras para a Linguística de Texto. Esse ramo da Ciência Linguística no Brasil surge no contexto das mudanças que ocorriam na linguística mundial a partir dos anos 1960. A linguística estruturalista, que dominava o cenário acadêmico até então, começou a ser superada por novas abordagens que viam o texto como uma unidade complexa de análise, em contraste com a análise da frase ou da sentença isolada.

Ainda nos anos 1960, o estruturalismo francês, com destaque para as influências de Saussure e Jakobson, chegou ao Brasil, principalmente por meio da obra de Emílio Willems e de outros linguistas que estudavam as estruturas subjacentes da língua e suas relações no nível do discurso. Esse movimento inicial levou ao desenvolvimento de análises voltadas para a coesão textual, um aspecto central na Linguística de Texto.

Na década de 1970, a concepção de texto estava ainda limitada a uma análise transfrástica, centrada nas relações sintáticas e gramaticais entre frases e orações. Esse tipo de análise ajudou a estabelecer a base para um entendimento mais amplo do texto, mas foi apenas nas décadas seguintes que as abordagens começaram a considerar de maneira mais aprofundada o texto como uma unidade global de sentido, levando em conta não apenas a coesão, mas também a coerência e a relação com o contexto social, ideológico e comunicativo.

Nessa mesma época, a tradução dos trabalhos de Halliday; Hasan, principalmente o livro *Cohesion in English* (1976), exerceu um impacto significativo no Brasil. As noções de coesão textual, que envolvem recursos como pronomes, conjunções, elipses, e outros mecanismos de ligação entre as partes do texto, começaram a ser amplamente adotadas por pesquisadores brasileiros como Marcuschi (1983); Koch (1987); Fávero; Koch (1983); Koch; Travaglia (1989, 1990); Fávero (1991) e Bastos (1995). Esses estudos permitiram que a Linguística de Texto no Brasil se destacasse, criando uma base sólida para o entendimento da organização global textos como fenômenos sociais e discursivos, nos quais as práticas de

comunicação são tanto influenciadas quanto estruturadas por fatores socioculturais e ideológicos.

Na década de 1980 e 1990, com o crescimento da pragmática e da análise do discurso, a concepção de texto se ampliou ainda mais, com ênfase na interação comunicativa. Nessa abordagem, o texto não é apenas uma unidade linguística, mas um ato de interação social. O texto passa a ser visto como uma forma de ação discursiva, na qual o autor ou falante não apenas transmite informações, mas também estabelece relações com o interlocutor, seja para persuadir, informar, questionar, entre outros objetivos. Nesse momento, a relação entre oralidade e escrita passa a ser estudada com mais afinco ao ser conduzida pela noção de gêneros textuais a partir da perspectiva bakhtiniana.

Nos estudos contemporâneos da Linguística de Texto, as abordagens sociocognitivas e interacionais têm se destacado ao oferecer uma visão mais ampla e integrada da construção do sentido nos textos. Essas correntes teóricas não apenas se concentram na análise da estrutura interna dos textos, mas também investigam as interações sociais e cognitivas envolvidas na produção e interpretação textual. Cabe ressaltar, nessa nova etapa da LT, os estudos de referenciação que contribuem para uma análise argumentativa do texto, sendo crucial para a constituição da coesão textual e para a compreensão de como os textos se organizam e se conectam, tanto internamente quanto com o espaço extralinguístico. Embora o conceito de referenciação tenha sido discutido de maneira mais tradicional no campo da coesão, as abordagens contemporâneas ampliaram a reflexão sobre o tema, incorporando novas perspectivas, como as influências da pragmática, da sociolinguística, da cognição e da análise do discurso.

Por fim, os estudos da LT são de cunho sociocognitivo e interacional, proporcionando uma visão mais dinâmica e multifacetada da análise textual, indo além da estrutura linguística para integrar as dimensões cognitivas, sociais e interacionais. Essas abordagens ajudam a compreender como os textos são não apenas construídos linguisticamente, mas também como são interpretados e negociados em interações sociais específicas, em contextos culturais, históricos e ideológicos variados. A integração entre essas duas abordagens oferece uma compreensão mais rica e complexa do processo de produção e recepção textual, reconhecendo as interações entre o indivíduo, o texto e o contexto social.

1.2 Os processos de Argumentação na Língua

A argumentação, enquanto fenômeno discursivo, está profundamente enraizada na língua e na interação verbal. Em contextos diversos, seja na comunicação formal ou informal, a argumentação emerge como uma estratégia para convencer, persuadir ou influenciar o interlocutor, sendo mediada por uma série de processos linguísticos e discursivos. A compreensão desses processos é essencial para a análise de textos argumentativos, pois envolve a articulação entre as escolhas linguísticas, a organização do discurso e o contexto enunciativo em que a comunicação ocorre. Cabral (2016) destaca que a argumentação no texto se dá a partir de uma organização estruturada, que segue uma lógica interna e se alinha com as intenções do enunciador. Nesse sentido, o texto é visto como unidade de comunicação, tem uma organização que não se limita à disposição de palavras e frases, mas envolve uma organização discursiva que busca estabelecer a coesão e a coerência entre as ideias direcionadas pelo contexto enunciativo, escolhas linguísticas e organização textual.

O contexto enunciativo é um dos principais elementos que orientam a produção e a interpretação de um texto argumentativo, esse aspecto não se refere apenas à situação imediata de comunicação, mas inclui as condições sociais, culturais e cognitivas que envolvem os interlocutores no momento da interação. Dessa forma, o contexto enunciativo envolve, portanto, o conhecimento prévio dos interlocutores, suas crenças, valores, expectativas e a relação que se estabelece entre eles. Em um discurso argumentativo, o enunciador, consciente desse contexto, faz escolhas linguísticas estratégicas para construir a sua argumentação, levando em consideração não apenas o conteúdo a ser transmitido, mas também como esse conteúdo será recebido pelos interlocutores, de acordo com sua bagagem cultural e cognitiva.

Além disso, o contexto enunciativo também influencia diretamente as intenções comunicativas do enunciador, isto é, o que ele pretende alcançar com o discurso. A argumentação pode ser vista como uma tentativa de moldar a percepção do outro sobre um determinado tema, seja para reforçar um ponto de vista, seja para desafiar crenças ou convencer a audiência a adotar uma determinada postura. Dessa forma, compreender o contexto social, histórico e cultural da interação é essencial para entender os processos argumentativos subjacentes à comunicação.

As escolhas linguísticas desempenham um papel fundamental na construção da argumentação, pois são por meio delas que o enunciador organiza suas ideias, estabelece relações entre elas e, conseqüentemente, articula sua visão de mundo. Cada elemento

linguístico, desde a escolha das palavras até a estruturação das frases, reflete a intenção comunicativa e tem um impacto direto sobre a recepção do discurso.

A argumentação, como observam Ducrot (1980) e Koch (2004), é sempre realizada por um sujeito que age dentro de uma interação, e suas escolhas linguísticas são orientadas por esse querer dizer, isto é, pela intenção de causar determinado efeito sobre o interlocutor. Tais escolhas incluem não apenas o vocabulário e as expressões usadas, mas também aspectos mais sutis, como a entonação, o registro linguístico e o uso de recursos estilísticos (metáforas, analogias, ironias, etc.).

Por exemplo, em um texto argumentativo, o uso de conectores lógicos como "portanto", "logo", "no entanto" serve para guiar a argumentação, estabelecendo uma relação clara entre as ideias e evidenciando a lógica do raciocínio. Além disso, o uso de pronomes pode criar uma relação de pertencimento entre o enunciador e o público, como no caso do uso do "nós" para incluir o interlocutor em um grupo ou movimento, ou do "eles" para distanciar-se de um outro grupo. Tais escolhas não são aleatórias; elas são realizadas de acordo com o efeito desejado pelo enunciador, que busca influenciar o leitor ou ouvinte.

A organização textual é outro fator determinante para o sucesso de um discurso argumentativo. Nesse sentido, a argumentação, de acordo com a análise proposta, segue uma estrutura sequencial baseada no modelo de Adam (2011), que envolve a disposição de dados, uma asserção e o apoio/sustentação. Um texto bem estruturado facilita a compreensão e a persuasão, pois organiza as informações de maneira lógica e coesa. Com isso, a construção de um texto argumentativo eficaz depende, portanto, de um planejamento cuidadoso da disposição das ideias, das estratégias de organização e das transições entre os argumentos apresentados.

Finalmente, os processos de argumentação na língua não podem ser vistos de maneira isolada das condições sociais e cognitivas da interação. Como destaca Van Dijk (2012), a produção e interpretação de um texto argumentativo estão sempre imersas em um contexto específico, e a linguagem, ao mesmo tempo que é ferramenta para a construção de sentido, também é um reflexo das relações sociais e cognitivas estabelecidas entre os participantes da comunicação.

Assim, a argumentação não se dá apenas no nível da língua, mas é inseparável das condições enunciativas que moldam o discurso, da organização textual que assegura a eficácia da argumentação e das escolhas linguísticas que orientam o enunciador na busca por influenciar o interlocutor. Ao analisar os processos de argumentação, é fundamental perceber como esses fatores se inter-relacionam, produzindo um texto que não só transmite

informações, mas também constrói uma posição, um ponto de vista, e, eventualmente, altera a percepção ou comportamento do outro.

2. *FAKE NEWS*: A BUSCA POR UMA DEFINIÇÃO

O primeiro desafio encontrado para a realização desta nossa pesquisa é compreender como definimos *fake news*, que, por uma tradução automaticamente literal da língua inglesa, significaria notícias falsas. No entanto, nos estudos científicos sobre este tópico, não encontramos um grande consenso sobre a definição conceitual acerca desse fenômeno social, mesmo que em alguns níveis possamos estabelecer pontos em comum, como veremos ao longo deste capítulo. Além disso, inúmeras concepções teóricas são descritas sobre essa expressão, tornando a análise e os processos de identificação das *fake news* uma tarefa extremamente complexa e heterogênea. Desse modo, o objetivo deste capítulo é o de estabelecer princípios que norteiam a identificação desse fenômeno para que possamos fornecer, mais adiante, análises precisas sobre o nosso objeto de estudo.

As *fake news* apresentam-se como um fenômeno relevante e crescente na atualidade, no entanto é possível avaliar a sua existência ao longo da história, não com essa nomeação popularizada na contemporaneidade, pois a mentira, a manipulação de enredos, os rumores e as falsificações sempre estiveram presentes nas relações sociais humanas. Segundo Blans (2012, p. 36), se remontarmos ao passado, encontramos desde o Egito Antigo a criação de narrativas falaciosas nas guerras, com objetivo de derrotar o inimigo mais rapidamente. Sob esse panorama, o discurso falso desempenhou um papel crucial na sustentação do domínio do Faraó Ramsés II, que durante o século XIII a.C., com as forças egípcias, comandadas por Ramsés II, enfrentaram o Império Hitita na batalha de Qadesh, um evento significativo na história militar por envolver cerca de 5 mil carruagens, tornando-se o maior confronto dessa espécie até então. Apesar de o confronto terminar sem um claro vencedor, Ramsés II retornou à sua terra natal e propagou a falsa narrativa de sua vitória sobre o inimigo, usando a mentira como um meio de consolidar seu poder.

Quando buscamos mapear a definição das *fake news*, um dos grandes desafios que surgem é compreender a sua natureza, ou seja, o seu significado basilar. Entretanto, deparamos-nos com certas imprecisões quanto aos seus aspectos definidores, pois, como podemos identificar se um conteúdo foi previamente produzido com a intenção de enganar o público-leitor? Toda mentira poderia ser enquadrada como uma *fake news*? Quanto à sua forma, será que são semelhantes às tradicionais notícias veiculadas nos meios jornalísticos? E, para além disso, quanto à terminologia, a expressão *fake news* pode ser considerada a mais adequada para denominar os frequentes casos de desinformação vivenciados nas mídias digitais?

Diante desses questionamentos, surge a necessidade de estudos sobre as especificidades discursivas e textuais das *fake news*, instigando uma apuração mais aprofundada. Por esse motivo, têm sido muito comuns estudos sobre o tema sob diversas perspectivas teóricas, como a Linguística de Texto — área selecionada para fundamentar a análise do objeto desta pesquisa —, e outros campos do conhecimento, como o Jornalismo, a Tecnologia da Informação e o Direito.

No âmbito do Direito, por exemplo, o combate às *fake news* se relaciona diretamente à proteção de direitos fundamentais, como a liberdade de expressão, a dignidade humana e o direito à informação.

No âmbito legal, o desafio do Superior Tribunal Federal (STF) é equilibrar a liberdade de expressão com a necessidade de limitar a propagação de informações falsas que possam prejudicar a ordem pública, incitar o ódio ou causar danos à reputação de indivíduos. Por isso, o tribunal tem promovido discussões sobre a necessidade de criar legislações mais robustas para responsabilizar quem promove esse tipo de conteúdo, além de cooperar com órgãos internacionais para enfrentar o problema. Como consequência disso, o inquérito das *fake news*, aberto em 2019, investiga a disseminação de notícias falsas e ataques virtuais contra membros do próprio STF.

Quanto à recepção de tais textos, a produção de *fake news* envolve, também, a mobilização do público em relação aos padrões de leitura que fornecem a compreensão de que tal prática discursiva se estabelece não somente pelo conteúdo disseminado em si, mas, também, pela recepção e a aceitabilidade que os leitores atribuem às *fake news*. Dessa forma, como postula Marcuschi (2008, p. 122), “A aceitabilidade se dá na medida direta das pretensões do próprio autor que sugere ao seu leitor alternativas estilísticas ou gramaticais que buscam efeitos especiais”. Em suma, a aceitabilidade é um critério estreitamente vinculado a intencionalidade textual, pois nessa relação dialógica com o texto, podemos concluir que, quando uma *fake news* é publicada e recepcionada pelos leitores, abre-se espaço para adesão ou não do sentido pragmático comunicado por determinada notícia falsa. Com isso, Silva (2019, p. 44) estabelece duas categorias de leitores para a aceitação desses enunciados:

As fake news alimentam-se de dois públicos paradoxalmente antagônicos e complementares: o que sabe da falsificação e não se importa, por considerá-la útil aos seus fins ideológicos, e o que adere ingenuamente a uma verdade inexistente por crença ou identificação, ou seja, por encontrar no falso aquilo que pensa ou imagina como sendo verdadeiro. Toma, portanto, o seu desejo por verdade e aceita o falso como evidência materializada da sua ilusão. Não raro, como na vulgata do pensamento medieval, a falsificação recorre a citações verdadeiras para legitimar o seu procedimento.

Nesse viés, para Silva (2019, p.33), “*Fake news* é publicar aquilo que alguém gostaria de ler ou de ver, mesmo sendo inverídico, como desejo de que se torne verdade por repetição ou por ser a pista forçada de uma realidade encoberta”. Esta definição endossa a lógica empregada pelo conceito da pós-verdade, em que opiniões subjetivas e impressões pessoais dos sujeitos possuem mais valor e status de verdade do que os fatos que podem ser constatados pelo conhecimento científico, introduzindo a descrença sobre o que é verídico e, portanto, atestável.

Coutant (2020, p. 16) investe em três critérios de definição acerca das *fake news*: (I) a desinformação — “técnica de manipulação da opinião pública no intuito de divulgar informações falsas, verdadeiras, mas truncadas”; (II) o conspiracionismo — “uma forma lógica e exclusiva de identificar o mundo: a premissa de que um grupo identificável, mas mascarado, dirige o significado da história”; e, por fim, (III) a Pós-verdade — “período durante o qual os fatos objetivos têm menos influência sobre a formação da opinião do que o apelo às emoções e às crenças individuais”. Essa espécie de sistematização que mapeia as principais particularidades das *fake news* expressa um caminho promissor no sentido de identificá-las regularmente, situando-se em contextos de comunicação digitais³, pois se espalham 70% mais rápido do que as notícias verdadeiras nas redes, de acordo com o estudo realizado por cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

Ademais, podemos diferenciar as notícias divulgadas com informações equivocadas, mas que não pretendem enganar propositalmente o leitor, das *fake news* propriamente ditas, conforme afirma Meneses (2018, p. 40):

Fake News são notícias falsas nas quais existe uma ação deliberada para enganar os consumidores. Não coincide com o conceito de *false news*, que por sua vez, não partem de ação deliberada, mas de incompetência ou irresponsabilidade de jornalistas na forma como trabalham informações fornecidas por suas fontes.

No Brasil, especialmente a partir de 2018, com as eleições presidenciais, o termo *fake news* tem sido amplamente utilizado para descrever o fenômeno que seria mais apropriadamente definido como *desordem informacional*, de acordo com Wardle; Derakhshan (2017). De acordo com tal perspectiva teórica, a expressão *fake news* não é a mais precisa

³ XAVIER, F. Fake News: o que pode ser feito. *MIT Technology Review*, 2022. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/fake-news-o-que-pode-ser-feito/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

para abordar o conjunto de práticas que envolvem a manipulação e a farsa de informações, por várias razões, que podemos elencar em cinco critérios: (I) é intrinsecamente contraditória, uma vez que notícias devem ser verdadeiras, tornando impossível rotular algo falso como notícia; (II) é inadequada, pois parte das informações rotuladas como "*fake news*" não são necessariamente falsas, podendo ser parcial ou completamente verdadeiras, mas manipuladas ou descontextualizadas para promover uma falsidade; (III) muitas vezes, o conteúdo em questão não se enquadra no conceito de notícia, sendo apenas um vídeo, uma foto, uma piada ou um rumor; (IV) ao referir-se a uma informação enganosa como "*notícia*", atribui-se a ela uma legitimidade que não merece; (V) o termo é inadequado para abarcar a complexidade da desinformação que permeia os meios de comunicação.

Além disso, para Wardle; Derakhshan (2017), a desinformação pode ser abordada cientificamente usando os termos *dis-information* (desinformação), que se refere a informações falsas elaboradas e disseminadas com a intenção de causar danos, por meio de estratégias de manipulação; *mis-information* (informação incorreta), que são informações falsas compartilhadas sem intenção maliciosa, muitas vezes de forma individual e independente; e *mal-information* (má informação), que se refere a informações verdadeiras, mas que são divulgadas de maneira inadequada com a intenção de causar danos.

Ao longo do capítulo, abordamos alguns desacordos dentro das discussões acerca da definição das *fake news* e até mesmo a busca por uma nova nomenclatura mais apropriada, como a *desinformação*. Nesse sentido, a definição que mais se aproxima dos objetivos de análise desta pesquisa, baseia-se em Meneses (2018), pois essa definição do termo *fake news* prioriza o aspecto da intencionalidade discursiva produzida com o intuito de enganar ou manipular o público-alvo, sendo a que mais se aproxima dos critérios linguístico-discursivos realizados para a análise do *corpus*.

Dessa forma, na seção seguinte, discutiremos como essa aproximação terminológica com o gênero notícia tem uma justificativa plausível, já que está diretamente associada à atual conjuntura do jornalismo em rede — que produz notícias de forma acelerada, corrompendo os valores da legitimidade e verificação dos fatos a serem transmitidos de modo objetivo e ético ao público-leitor (Bayansz; Prior, 2022).

2.1 O campo jornalístico na era da pós-verdade

A era da pós-verdade tem colocado o jornalismo em um dilema complexo e urgente. Mediante a explosão das *fake news* e a crescente desconfiança nas fontes tradicionais de informação, amplificadas pelas redes sociais, reconfiguram o campo jornalístico, especialmente quando se trata de temas sensíveis e polarizadores, como as vacinas contra a covid-19 durante a pandemia mundial. Nessa nova realidade, a verdade deixa de ser um critério absoluto, e as emoções e crenças pessoais ganham destaque, influenciando a opinião pública de maneira decisiva. O dicionário de Oxford, responsável por eleger a “pós-verdade” como a palavra do ano em 2016, conceitua-a como “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais” (English Oxford, 2016). Logo, o conceito de “pós-verdade” reflete exatamente esse cenário em que fatos objetivos perdem relevância frente ao apelo emocional e às narrativas subjetivas.

Por outro lado, Feitosa (2017)⁴ critica o uso do termo “pós-verdade” por considerá-lo inadequado para descrever a atual realidade informativa. O autor propõe a utilização de termos como “hiperverdade” ou “ultraverdade”, argumentando que vivemos em uma época em que as pessoas se sentem autorizadas a afirmar qualquer coisa, tanto em discursos políticos quanto nas redes sociais, frequentemente com base em dados falsos ou distorcidos. Para Feitosa, essa situação reflete uma forma extrema de manipulação da verdade, que vai além da simples pós-verdade.

O jornalismo, como campo de produção de sentido e interpretação da realidade, enfrenta o desafio de manter sua credibilidade e seu papel essencial como mediador da verdade. Na pandemia, as *fake news* sobre vacinas não apenas comprometem a saúde pública, mas, minaram a confiança em fontes oficiais e na própria ciência, criando um ciclo vicioso de desinformação. Nesse sentido, ao enfrentar notícias falsas, o papel do jornalismo vai além da simples transmissão de fatos para se tornar uma arena de disputa simbólica, na qual o combate à desinformação é também uma defesa da racionalidade e da ética durante o processo de informar a sociedade.

Sodré (2009, p. 46) discute a percepção dos jornalistas sobre a verdade, destacando que, em geral, eles acreditam estar expressando uma “verdade do cotidiano ou da vida social

⁴ FEITOSA, C. Pós-verdade e política. *Revista Cult*, 19 jul. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/gW4eWz>. Acesso em: 19 ago. 2024.

imediatas". Para o autor, essa verdade é muitas vezes interpretada de maneira simples para o senso comum, como a ideia de que o enunciado corresponde diretamente aos fatos do mundo.

Nessa perspectiva, o jornalismo não se limita a relatar os fatos de maneira direta e objetiva, mas envolve uma mediação interpretativa. Bayansz; Prior (2022) apontam que o chamado "contrato cognitivo" implica na confiança que o público atribui aos eventos narrados, tendo uma relação com a realidade, mesmo que essa realidade não esteja fisicamente presente. Contudo, de acordo com os autores, as "artimanhas enunciativas" utilizadas pelos jornalistas indicam que o relato passa por um processo de seleção e organização de informações, orientado por objetivos específicos. Assim, a verdade jornalística não é simplesmente a reprodução fiel dos fatos, mas uma construção moldada por estratégias discursivas. Por isso, Bayansz; Prior (2022, p. 94) concluem que

A atividade jornalística é marcada pelo contrato cognitivo entre o jornalista e o público, pois os eventos narrados devem ter uma relação com a realidade ausente, mas não devemos esquecer que o jornalista, ao recompor um evento, recorre a determinadas artimanhas enunciativas que estão de acordo com propósitos discursivos ou estratégias de enunciação.

Com o webjornalismo a produção de notícias percorre um processo em que os tradicionais procedimentos de verificação, análise e apuração das informações são negligenciados, devido ao cenário de aperfeiçoamento tecnológico nos ambientes virtuais que propiciam, cada vez mais, a aceleração do tempo de consumo dos conteúdos veiculados na internet.

Além disso, Bardoel; Deuze (2000) destacam que uma característica própria do jornalismo digital é a capacidade de conectar diferentes textos por meio de *links*. Essa estratégia oferece ao jornalista a oportunidade de ampliar o contexto da notícia, ligando o texto principal a uma série de materiais adicionais. Entre esses materiais, estão os textos originais de *releases*, outros sites relacionados ao tema, arquivos jornalísticos ou até conteúdos que possam suscitar debates ou controvérsias sobre o assunto abordado.

Diante desse cenário, as informações se tornam fluidas, na medida em que o público passa a ser não apenas um mero consumidor no espaço virtual, mas um participante do processo de propagação ou verificação das notícias, sejam elas falsas ou verdadeiras. A partir do compartilhamento de links, postagens, vídeos, imagens nas redes sociais, amplia-se o domínio de textos elaborados, que antes, destinavam-se apenas para finalidades jornalísticas de caráter mais confiável — quando a produção dos textos e publicações era mais restrita aos jornalistas.

Consequentemente, novos atores entram em cena na arena informativa, com cada cidadão assumindo o papel de criador de conteúdo. Esse fenômeno representa uma mudança significativa no panorama da comunicação, em que a produção e a disseminação de informações não estão mais restritas a jornalistas e meios de comunicação tradicionais. Dessa forma, assim como postula Ramonet (2012, p. 20): “A democratização da comunicação traz à tona um fator preocupante: web-atores difundindo informações com alcance global – e muitas vezes sem nexos com a autoria”. Esse comportamento advindo do ecossistema digital permite a manifestação de falsas notícias, ou melhor, gera a desinformação em grande escala. Tal aspecto ocorre, devido a facilidade de modificar as informações de modo que atendem as necessidades ideológicas de determinados grupos sociais.

Diante do excesso de *fake news* circulando na internet, surgem as agências de *fact-checking*, que desempenham um papel crucial na luta contra a disseminação de notícias falsas, oferecendo um serviço essencial para a verificação da veracidade das informações. Essas organizações são dedicadas a analisar e validar informações divulgadas na mídia, nas redes sociais e em outras plataformas, ajudando a garantir que o público receba dados precisos e confiáveis. Além disso, essas agências são responsáveis por desmascarar notícias falsas, identificam e corrigem informações enganosas que circulam amplamente, expondo as mentiras e fornecendo o contexto correto. Esse processo é crucial para reduzir o impacto de notícias falsas e conter sua propagação.

Outro aspecto importante do trabalho das agências de *fact-checking* é a educação do público, pois elas frequentemente se dedicam a ensinar os indivíduos a identificar e avaliar informações de forma crítica. Nyhan; Reifler (2015) avaliaram os efeitos da exposição dos eleitores ao *fact-checking* durante o ano de 2014, nos Estados Unidos. Nessa investigação, os resultados mostraram que o público teve uma percepção positiva sobre o *fact-checking*, quando os eleitores foram expostos aleatoriamente a essas práticas de verificação, a aprovação pelo formato aumentou ainda mais. Esse aumento na aprovação foi acompanhado por um incremento no conhecimento dos eleitores sobre as questões em debate, evidenciando que o *fact-checking* não só é bem recebido, mas também contribui para uma compreensão mais aprofundada dos temas discutidos.

Portanto, a era da pós-verdade exige uma adaptação contínua das práticas jornalísticas e um compromisso renovado com a precisão e a responsabilidade. Por essa razão, as agências de *fact-checking* emergem como aliadas indispensáveis na luta contra a desinformação, ajudando a garantir que a sociedade receba informações confiáveis e fundamentadas e promovendo um debate público mais informado e ético.

2.2 O gênero textual notícia e suas implicações

O domínio discursivo das notícias é um aspecto fundamental na compreensão de como as informações são apresentadas e percebidas na sociedade. Ele abrange a construção da linguagem, as estruturas narrativas, os contextos sociais e políticos, além das influências que moldam a opinião pública. Segundo Maingueneau (2007, p. 141), é comum conferir ao gênero “um estatuto essencialmente formal, o de um conjunto de propriedades estilísticas, ao passo que o gênero define também as condições de utilização dos textos que pertencem a ele”. As notícias geralmente seguem uma estrutura padronizada, que inclui um lide, responsável por resumir os pontos principais; um corpo que desenvolve a história e uma conclusão que pode refletir sobre as implicações do evento. Essa estrutura é projetada para facilitar a compreensão e a retenção da informação. No entanto, a escolha dos termos e o tom da linguagem utilizada podem influenciar profundamente a forma como os fatos são percebidos. À vista disso, é lógico pensar que palavras podem evocar emoções, sugerir julgamentos e até mesmo guiar diferentes narrativas. Por exemplo, descrever um grupo como "ativistas" pode transmitir uma conotação de ação positiva e engajamento, enquanto chamá-los de "militantes" pode sugerir extremismo ou radicalismo. Essa escolha lexical é crucial, especialmente em contextos de polarização, nos quais a linguagem pode acirrar ou amenizar tensões que afetam a interpretação dos leitores.

Além da linguagem, o contexto social e político tem um papel crucial no domínio discursivo. A teoria do "Agenda-Setting", proposta por McCombs; Shaw (1972), sugere que a mídia não apenas relata eventos, mas também molda a percepção do que é considerado importante. Isso significa que as decisões sobre quais notícias cobrir e como apresentá-las podem influenciar diretamente as prioridades e opiniões da sociedade.

Em paralelo a isso, essa pesquisa pretende se basear nos padrões prototípicos do gênero textual notícia para efeitos de comparação diante das *fake news* selecionadas. Dessa forma, é importante salientar que a notícia possui características formais que visam facilitar a transmissão rápida e eficaz de informações. Dentre essas características, destaca-se a objetividade, que implica a apresentação dos fatos da maneira mais neutra possível, sem a inclusão de juízos de valor ou opiniões pessoais do autor. A objetividade, portanto, configura-se como um princípio fundamental para garantir a imparcialidade da notícia, de modo que o leitor tenha acesso a uma interpretação dos eventos baseada apenas em informações verificáveis (Traquina, 2005).

Outro aspecto central da notícia é a clareza e a concisão. A linguagem empregada nesse gênero textual é direta e acessível, evitando ambiguidades e prolixidade. Com isso, a notícia se constrói com o objetivo de ser compreendida por um público amplo, e a clareza textual garante que as informações sejam transmitidas de forma rápida e eficiente. Além disso, a concisão permite que o leitor acesse o conteúdo essencial sem necessidade de aprofundamento em detalhes desnecessários.

A estrutura da notícia segue o modelo da pirâmide invertida, em que as informações mais importantes são apresentadas no início do texto, seguidas por detalhes adicionais. O primeiro parágrafo, conhecido como lide, é responsável por responder a perguntas-chave como: *o quê?*, *quem?*, *quando?*, *onde?*, *como?* e *por quê?*. Essa estrutura garante que o leitor obtenha rapidamente as informações essenciais, mesmo que não continue a leitura até o final do texto. Após o lide, o corpo da notícia desenvolve os detalhes e complementa a narrativa, com o objetivo de contextualizar os eventos relatados.

Dessa forma, o compromisso com a verdade factual é um dos pilares do jornalismo, e isso se reflete na necessidade de que as informações apresentadas na notícia sejam corroboradas por fontes confiáveis e verificáveis. Kovach; Rosenstiel (2014) exploram a importância de verificar os fatos como um dos pilares do jornalismo, garantindo que as informações sejam confiáveis e respeitem o direito do público à verdade. Essa característica é fulcral para a manutenção da credibilidade do veículo de comunicação, além de assegurar que o público seja informado com precisão ética.

3. OS PROCESSOS DE ARGUMENTAÇÃO E A ESTRUTURA DAS *FAKE NEWS*

A argumentação na língua é um processo complexo que envolve uma série de estratégias discursivas como a escolha de palavras, a organização do texto e a consideração do contexto enunciativo (Cabral, 2016). Esses processos não são exclusivos de discursos tradicionais, como ensaios ou artigos acadêmicos, mas também estão presentes em contextos mais problemáticos, como as *fake news*. Com o aumento da disseminação de informações na internet, as *fake news* se tornaram um fenômeno que desafia a própria estrutura da argumentação, ao utilizar de maneira estratégica os mesmos processos linguísticos e discursivos, mas com a intenção de manipular a percepção do público, enganar ou reforçar crenças falsas. À vista disso, é crucial compreender como os mecanismos de argumentação da língua são mobilizados na construção de *fake news* e como isso pode impactar a recepção e a interpretação dessas informações.

A construção de *fake news* está fortemente vinculada ao contexto enunciativo, pois a eficácia dessas notícias depende da capacidade de explorar o contexto social e cultural dos interlocutores. A argumentação nessas notícias se faz por meio de estratégias que buscam gerar uma sensação de urgência, de autoridade ou de exclusividade sobre o tema tratado. O contexto social em que as *fake news* se disseminam, frequentemente ligado a crises políticas, sociais ou econômicas, é explorado para criar uma narrativa que ressoe com as crenças e valores do público-alvo.

Por exemplo, uma *fake news* pode ser construída a partir de um evento real, mas manipulada por meio de seleções específicas de fatos, imagens ou declarações que se alinham com uma agenda ideológica, política ou econômica. Nesse sentido, o contexto enunciativo das *fake news* está intrinsecamente ligado às crenças pré-existentes dos receptores, que são exploradas para aumentar a persuasão do discurso. Ao contrário de uma argumentação convencional, que busca uma reflexão crítica sobre um tema, a argumentação presente nas *fake news* visa desviar a percepção do receptor, levando-o a aceitar a informação de maneira acrítica.

As escolhas linguísticas nas *fake news* são fundamentais para sua eficácia argumentativa. Como na argumentação tradicional, as *fake news* fazem uso de palavras e expressões cuidadosamente selecionadas para gerar um impacto emocional e convencer o leitor. A escolha do vocabulário, das formas verbais e até dos conectores tem um papel

essencial na construção da credibilidade aparente do discurso e na criação de uma narrativa que pareça plausível, mesmo quando, por muitas razões, não seja.

Nas *fake news*, é comum o uso de um discurso enfático, com expressões que reforçam a urgência, a autoridade ou a exclusividade da informação. Frases como "É um fato comprovado que...", "Fontes confiáveis afirmam..." ou "Você não vai acreditar no que aconteceu..." são estratégias linguísticas que conferem à notícia uma falsa sensação de veracidade e urgência, mesmo sem fornecer dados concretos ou fontes verificáveis. Além disso, é comum o uso de vocativos e pronomes pessoais ("nós", "você", "eles") para estabelecer uma relação de intimidade ou de confronto com o leitor, criando uma sensação de pertencimento a um grupo ou uma comunidade que compartilha da mesma "verdade".

Em paralelo a isso, a escolha de conectores temporais e causais, como "então", "por isso", "em consequência", também é frequente, com o intuito de criar uma sequência lógica e aparentemente irrefutável de eventos, mesmo que a relação entre as partes do discurso seja superficial ou inexistente. Esses conectores ajudam a dar a ilusão de que o raciocínio apresentado segue uma lógica clara e natural, o que aumenta a adesão do receptor à narrativa proposta.

Com relação a organização textual das *fake news*, busca-se princípios semelhantes aos de qualquer texto argumentativo, mas com o objetivo de induzir o receptor a aceitar uma visão distorcida da realidade. A estrutura do texto é muitas vezes simplificada e direta, com o objetivo de captar rapidamente a atenção e gerar um impacto imediato. Esse processo é feito, por exemplo, por meio de títulos sensacionalistas e imagens impactantes, que buscam despertar reações emocionais, como medo, raiva ou incredulidade.

Acredita-se que uma *fake news* bem construída segue uma lógica argumentativa simplificada, muitas vezes começando com uma afirmação chocante ou uma denúncia sensacionalista, seguida por uma apresentação de evidências que, embora manipuladas ou descontextualizadas, visam reforçar a mensagem. Na organização do texto busca criar uma continuidade lógica e emocional que envolve o leitor e o leve a acreditar na informação sem questioná-la. O discurso é, portanto, estruturado de forma a facilitar a adesão, em vez de promover uma análise crítica.

A continuidade enunciativa, no caso das *fake news*, também desempenha um papel importante. A narrativa é construída de maneira a reforçar um ponto de vista ou uma ideologia de forma persistente ao longo do texto. A repetição de certos termos e a demonização de um "inimigo" ou grupo oposto são estratégias comuns para criar uma identidade coletiva que compartilha a mesma visão da verdade. Sendo assim, estabelece-se

um vínculo entre o enunciador e o receptor, criando uma falsa sensação de unidade e exclusividade sobre a "verdade revelada".

Em sua essência, a argumentação nas *fake news* explora a mesma dinâmica linguística e discursiva presente em textos argumentativos legítimos, mas com o intuito de enganar, manipular e polarizar. Como nos salienta Van Dijk (2012), a argumentação sempre ocorre em um contexto enunciativo específico, e as *fake news* se aproveitam dessa dinâmica ao manipular tanto as informações quanto às estruturas cognitivas do receptor, fazendo-o acreditar em um discurso distorcido ou até falsificado.

Além disso, como nas estratégias argumentativas tradicionais, as *fake news* também mobilizam recursos cognitivos dos interlocutores, como os esquemas mentais e as crenças pré-existentes. Elas se aproveitam de conhecimentos superficiais ou preconceitos para criar uma narrativa que pareça plausível, especialmente em um contexto de saturação informativa, como o encontrado nas redes sociais. A repetição de conteúdos, a criação de bolhas de informação e o uso de gatilhos emocionais, como o medo e a raiva, são táticas que visam garantir a adesão do público a uma visão distorcida da realidade.

Assim, conforme Cabral (2016, p.31) ao compreender a relação entre os processos de argumentação na língua compreende-se que

A produção textual tem a ver com intencionalidade, isso todos concordam. Desse ponto de vista, acreditamos, a primeira questão textual relativa à argumentação reside exatamente na possibilidade dos usos da língua na produção de textos para se atingir determinado objetivo argumentativo, o que se faz com textos, em contextos específicos, socialmente situados e cognitivamente suportados, em um processo de interação entre sujeitos, ou seja, numa relação intersubjetiva.

Portanto, nas estruturas das *fake news*, torna-se evidente como a linguagem pode ser usada de forma estratégica para criar uma falsa impressão de realidade. Nesse sentido, a análise desses processos é crucial para entender como as *fake news* se propagam, influenciam a opinião pública e contribuem para a desinformação, destacando a importância de uma leitura crítica e consciente diante de conteúdos midiáticos.

4. METODOLOGIA

Para fins metodológicos, utilizamos o site de checagem “Boatos.org”, o site “Coletividade Evolutiva” e o portal de notícias “Veja Saúde” como fonte de dados, sendo selecionadas duas *fake news* sobre vacinas da covid-19, que circularam massivamente na contemporaneidade no período de 2020-2022 e uma notícia que desmentia a informação de que vacinas provocavam mal súbito ou AVC. Os critérios de seleção estão baseados em três diretrizes: (1) serão analisadas duas notícias falsas que tiveram ampla circulação, selecionadas dos sites de checagem Boatos.org e do site de notícias conspiracionista “Coletividade Evolutiva”; (2) ambas as *fake news* selecionadas caracterizam-se por terem semelhanças linguístico-textuais com o gênero notícia, isto é, performam estruturalmente e tematicamente como uma informação verídica, embora não sejam; (3) a *fake news* do portal “Coletividade Evolutiva” é comparada a uma notícia do portal “Veja Saúde” com o mesmo tema, para mostrar semelhanças e diferenças entre esses textos. A primeira análise é voltada para a *fake news* desmentida pelo site de checagem Boatos.org, para que possamos avaliar as características e elementos norteadores que designam as *fake news* de modo mais geral. Já a segunda análise apresenta-se de modo comparativo entre uma *fake news* e uma notícia, a primeira é publicada pelo portal “Coletividade Evolutiva”, famoso por compartilhar informações falsas ou deturpadas com posicionamentos mais radicais, a segunda é noticiada pelo portal “Veja Saúde” com o objetivo de desmentir as informações mentirosas sobre o uso de vacinas que causam doenças.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa para a análise das *fake news* e da notícia, com base em critérios de argumentação textual descritos por Adam ([1997] 2001; 2011) e Cabral (2016). Dessa forma, a investigação concentra-se na identificação e avaliação dos processos argumentativos e linguísticos utilizados na construção das *fake news*, considerando o contexto enunciativo, as escolhas linguísticas e a organização textual em comparação ao gênero textual notícia.

4.1 Análise do *Corpus*

***Fake news* (1)⁵**

Relatórios do governo britânico sugerem que os totalmente vacinados estão desenvolvendo a síndrome da imunodeficiência adquirida. Os dados disponibilizados pelo governo britânico mostram que os vacinados em dose dupla estão desenvolvendo a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). Pessoas de 40 a 69 anos que receberam a dose dupla já perderam 40% da função do sistema imunológico. Basicamente, as análises realizadas nessas pessoas vacinadas com dose dupla relatam que seu sistema imunológico enfraquece de 3,3% a 6,4% por semana. Os governos corporativos chamam de “vacina”, mas é uma verdadeira arma de destruição em massa projetada pela cabala bancária maçônica globalista para reduzir a população.

A análise desta *fake news* revela um conjunto de estratégias linguísticas, textuais e enunciativas mobilizadas com o objetivo de persuadir o público e reforçar crenças conspiracionistas, explorando o contexto pandêmico e a desconfiança em relação às vacinas contra a covid-19. Essa mensagem, de autoria desconhecida, foi amplamente difundida nas redes sociais e desmentida pelo site de checagem Boatos.org – mantivemos a edição do texto na íntegra, assim como foi compartilhada.

As escolhas linguísticas desempenham papel central na construção argumentativa do texto, e predomina o uso de verbos no presente do indicativo, na terceira pessoa do plural, como "sugerem" e "mostram" – o que confere uma aparente objetividade e credibilidade à mensagem.

Expressões pejorativas e exageradas, como "arma de destruição em massa" e "cabala bancária maçônica globalista", são usadas para gerar indignação e apelo emocional. Além disso, o texto apresenta dados percentuais e termos técnicos, como "síndrome da imunodeficiência adquirida" e "perda da função do sistema imunológico", para construir uma imagem de argumento de autoridade científica, embora sem fornecer fontes confiáveis para tais informações. O operador discursivo "mas" aparece em um momento crucial do texto, na última frase, introduzindo um posicionamento alarmista. Essa última frase destoa do restante da *fake news*, pois, no início, ainda que as informações sejam falsas, o texto poderia cativar um público bastante amplo, devido ao tom genérico da informação – que parece ser verdadeira. Porém, o operador discursivo colabora para contrastar essa ideia inicial aparentemente possível à conclusão conspiracionista, reforçando o tom sensacionalista da mensagem.

A estrutura textual segue uma sequência argumentativa simplificada, como descrito por Adam (2001; 2011), organizada em três etapas principais:

⁵ Disponível em:

<https://www.boatos.org/saude/vacinados-covid-19-estao-desenvolvendo-aids-sindrome-da-imunodeficiencia-adquirida.html>. Acesso em: 12 set. 2023.

1. **Dado ou fato:**

A afirmação de que "os vacinados estão desenvolvendo a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS)", apresentada como um dado com base em "relatórios do governo britânico".

2. **Apoio e sustentação do dado:**

A exposição de dados percentuais e a menção a análises de "perda do sistema imunológico" buscam sustentar a afirmação inicial, embora sejam números manipulados ou inventados, sem comprovação científica.

3. **Asserções conclusivas:**

O texto apresenta duas conclusões principais: a primeira afirma que "as análises realizadas nessas pessoas vacinadas com dose dupla relatam que seu sistema imunológico enfraquece de 3,3% a 6,4% por semana.", enquanto a segunda reforça uma narrativa conspiracionista, atribuindo a responsabilidade à "cabala bancária maçônica globalista". Essa estrutura simplificada e direta facilita a adesão do leitor ao discurso, principalmente pela combinação de dados manipulados com apelos emocionais e sensacionalistas.

O contexto enunciativo em que essa *fake news* foi produzida e disseminada é particularmente relevante, já que o texto foi publicado no site *beforeitsnews.com*, conhecido por divulgar conteúdos sensacionalistas e teorias da conspiração. Nesse viés, a mensagem viralizou em 2022, quando as campanhas de vacinação contra a covid-19 estavam em curso, explorando o momento de incertezas e desinformação em torno das vacinas. Apesar de não mencionar explicitamente a expressão covid-19, essa *fake news* utiliza elementos implícitos, como a referência às "vacinas" e à "pandemia", para se inserir em um debate polarizado sobre saúde pública. Esse expediente de não se referir ou explicitar a doença para a qual a vacina se destina, parece ampliar ainda mais o escopo generalista dessa *fake news*, que pode ser utilizada, inclusive, em momentos posteriores de endemias e pandemias.

Além disso, a mensagem apela para as crenças pré-existentes de um público cético em relação às vacinas e predisposto a aceitar narrativas conspiratórias. A referência a uma "cabala bancária maçônica globalista" explora um imaginário coletivo de desconfiança em relação a elites globais, intensificando o efeito persuasivo da mensagem. Percebemos esse viés, a partir da referência à Maçonaria – instituição secreta e frequentemente associada, de maneira equivocada, ao ateísmo – reitera no imaginário de leitores cristãos a imagem negativa atribuída à vacina.

Fake news (2)⁶



Um [médico canadense afirma ter visto coágulos sanguíneos](#) na maioria de seus pacientes que receberam injeções de COVID-19 e emitiu uma perspectiva “sombria” de que o pior “ainda está por vir” devido ao potencial dano” permanente ["causado pelas injeções do coronavírus Covid](#).

“E então, ainda estou tentando acumular mais informações. Mas no que tenho até agora, 62 por cento deles(vacinados) têm evidências de coagulação, o que significa que esses coágulos de sangue não são raros. Isso significa que a maioria das pessoas está tendo coágulos sanguíneos que não têm ideia de que estão tendo”, disse o Dr. Charles Hoffe, de Lytton, British Columbia, em uma entrevista com a emissora cristã Laura-Lynn Tyler Thompson, em Vancouver.

“Então, Laura-Lynn, o mais alarmante sobre isso é que existem algumas partes do seu corpo, como seu coração e seu cérebro e medula espinhal e pulmões, que não podem se regenerar. Quando esses tecidos são danificados por vasos sanguíneos, eles são permanentemente danificados.”

Graças aos esforços de um grupo chamado Public Health and Medical Professionals for Transparency, agora temos documentos confidenciais que mostram que a Pfizer e a agência reguladora americana FDA, semelhante à decaída Anvisa do Brasil, sabiam no início de 2021 que as vacinas de mRNA da pfizer estavam matando milhares de pessoas e causando abortos espontâneos enquanto prejudica três vezes mais mulheres do que homens.

Os efeitos mortais das vacinas Covid que está acontecendo em todo o mundo, inclusive no Brasil, foi já admitido pelo Ministério da Saúde do Japão, que tem recebido vários relatórios de jovens que desenvolveram inflamação cardíaca grave após tomar as vacinas Pfizer ou Moderna de tecnologia experimental de mRNA que os levaram a declarar publicamente.

Em todo o mundo, atletas, treinadores e árbitros anteriormente saudáveis desmaiam em campo com problemas cardíacos. O Japão está observando problemas cardiovasculares semelhantes em homens jovens e de meia-idade.

Veja também: BOMBA: Nanopartículas de "vacina de mRNA" circulam pelos órgãos: cérebro, coração, fígado, ovários, testículos e muito mais.

No texto, observamos várias escolhas que buscam criar um sentido de urgência e alerta com o uso de termos alarmistas e pejorativos, como "perspectiva sombria", "o pior ainda está por vir", "permanentemente danificados" e “a decaída Anvisa”. Esses termos têm uma carga emocional forte e são usados para gerar medo e apreensão no leitor. Ao longo da *fake news*, verificamos a existência de generalizações e afirmações amplas – a partir da afirmação "a maioria das pessoas está tendo coágulos sanguíneos" – e a generalização sobre a

gravidade dos efeitos das vacinas são usadas para criar a impressão de que o fenômeno é mais comum e perigoso do que realmente pode ser. O apelo à autoridade com a utilização do nome do "Dr. Charles Hoffe", assim como referências a documentos confidenciais e alegações de que órgãos como a Pfizer e o FDA sabiam do impacto das vacinas, pretendiam conferir credibilidade ao discurso.

O texto faz uma oposição entre a "verdade oculta" e o conhecimento oficial, destacando um suposto conflito entre a ciência governamental e o discurso alternativo, algo que é comum em teorias de conspiração. Ao fim da notícia falsa, há um direcionamento, via *hiperlink*, para o título “Nanopartículas de "vacina de mRNA" circulam pelos órgãos: cérebro, coração, fígado, ovários, testículos e muito mais.”, aproximando-se de uma notícia que circula no ambiente da web, ao objetivar a visualização de assuntos similares sobre que já foi noticiado.

A falsa notícia também utiliza predominantemente o presente do indicativo, como em "Um médico canadense afirma ter visto" e "os efeitos mortais das vacinas Covid que estão acontecendo em todo o mundo", para apresentar alegações como fatos atuais e incontestáveis, conferindo um senso de urgência. Além disso, o pretérito perfeito, usado em trechos como "as vacinas de mRNA da Pfizer estavam matando milhares de pessoas", reforça a ideia de eventos concluídos que supostamente comprovam as acusações, criando uma narrativa de continuidade entre passado e presente.

Os articuladores textuais desempenham um papel fundamental na construção desta *fake news*, como "e então", "mas" e "graças aos esforços", que conectam as alegações e dão uma aparência de lógica ao texto. Expressões como "o que significa" e "levou a declarar publicamente" são usados para estabelecer relações de causa e efeito entre fatos que carecem de comprovação científica, sugerindo falsamente que as vacinas causam danos graves de maneira generalizada.

A organização textual segue uma sequência argumentativa simplificada, como descrito por Adam (2001; 2011), organizada em três etapas principais:

1. **Dado ou Fato:**

O texto introduz uma série de afirmações que funcionam como dados iniciais, que servem para embasar a argumentação posterior. Entre os exemplos apresentados, destacam-se: “62 por cento deles (vacinados) têm evidências de coagulação.”; “Esses coágulos de sangue não são raros.”; “Documentos confidenciais [...] mostram que a Pfizer e a FDA sabiam [...] no início de 2021 que as vacinas de mRNA [...] estavam matando milhares de pessoas”. Esses

“dados” são apresentados como fatos inquestionáveis, buscando convencer o leitor desde o início da gravidade da situação. No entanto, observamos uma ausência de fontes científicas verificáveis ou estudos revisados por pares que corroboram tais afirmações, comprometendo a confiabilidade do discurso.

2. Apoio e Sustentação do Dado:

Após a apresentação dos dados iniciais, o texto passa a sustentar suas afirmações por meio de duas estratégias principais. O apelo à autoridade por meio de citações de figuras como o Dr. Charles Hoffe, descrito como um médico canadense, é utilizado para conferir credibilidade ao discurso. No entanto, esse argumento de autoridade conferido pelas falas do médico durante a entrevista à emissora cristã é limitado pela ausência de estudos ou publicações científicas associadas ao profissional. A segunda estratégia é a referência a documentos e organizações – o texto menciona “documentos confidenciais” obtidos pelo grupo Public Health and Medical Professionals for Transparency, sugerindo que informações cruciais foram deliberadamente ocultadas pelas empresas farmacêuticas e pelas agências reguladoras, como a FDA. Entretanto, a falta de acesso direto a esses documentos ou de detalhes sobre o grupo limita a validade do argumento. E ainda, exemplificações sensacionalistas como “Casos isolados de miocardite em jovens no Japão e problemas cardiovasculares em atletas são apresentados como evidências adicionais”. Esses exemplos, carecem de contexto estatístico ou causalidade clara, além de dependerem de uma narrativa sensacionalista para amplificar o impacto emocional sobre o leitor.

3. Asserções Conclusivas:

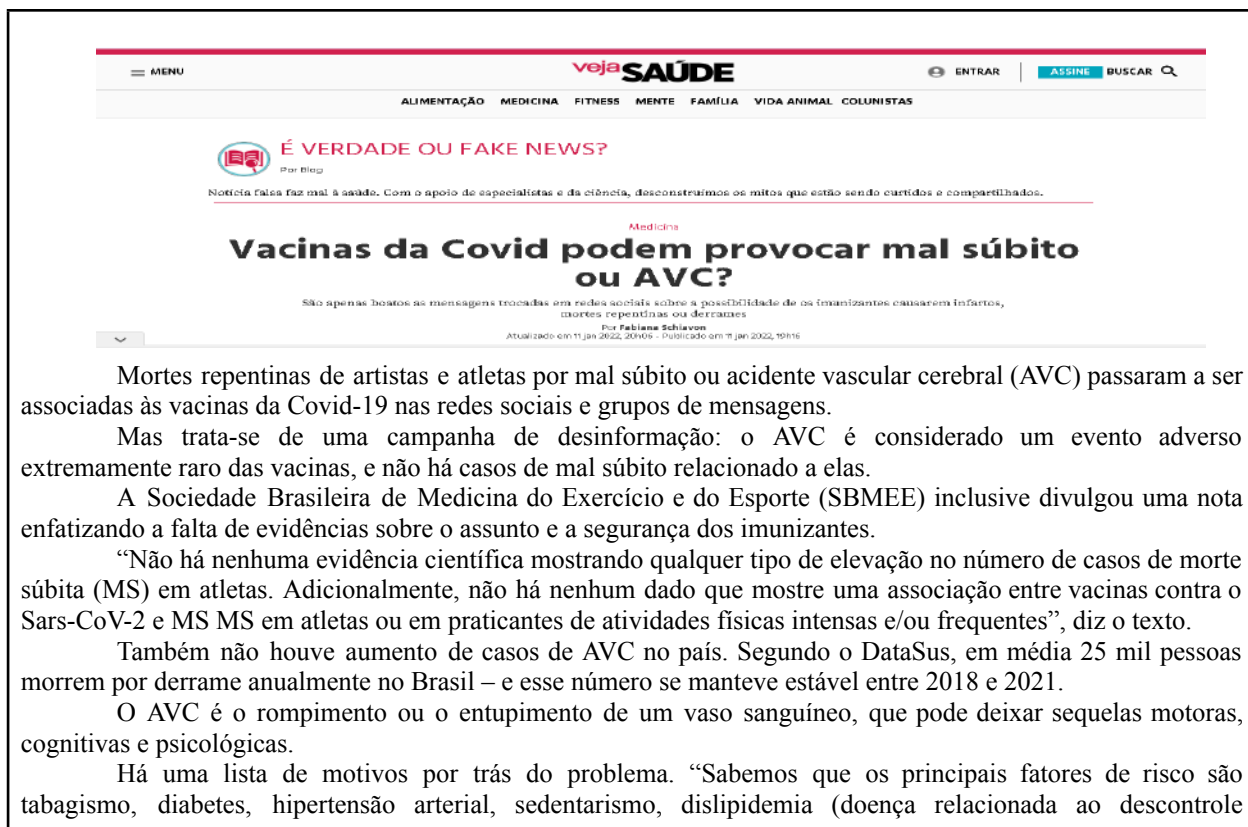
A conclusão do texto é estruturada para reforçar a gravidade dos supostos problemas associados à vacina de mRNA. Entre as afirmações finais, incluem-se “Os efeitos mortais das vacinas Covid [...] foram já admitidos pelo Ministério da Saúde do Japão.”; “Atletas, treinadores e árbitros [...] desmaiam em campo com problemas cardíacos”. Essas asserções buscam causar impacto emocional, utilizando uma linguagem alarmista e afirmações amplas que não são detalhadas e fundamentadas em estudos científicos robustos. Em vez de apresentar conclusões baseadas em evidências, o texto depende de generalizações e do apelo ao medo.

O contexto enunciativo leva em conta quem está falando, para quem e em que situação. No caso deste texto, há duas vozes, a da própria Coletividade Evolutiva, que assina a matéria, ou seja, não há um jornalista específico nessa publicação. E a segunda voz é a do Dr. Charles Hoffe, um médico canadense, cujas observações e alegações são centrais. A escolha do médico como enunciador principal, seguido dos comentários da reportagem, visa

aumentar a credibilidade do discurso, pois ele é uma autoridade na área de saúde. Contudo, uma busca rápida na internet mostra que o médico existe e foi acusado de má conduta, divulgação de informações infundadas e falta de ética, por entidades médicas do Canadá.

Vale ressaltar que, essa *fake news* foi retirada do site conspiracionista “Coletividade Evolutiva”, conhecido por divulgar informações falsas publicamente e ter direcionamento político a favor da extrema direita. Dessa forma, a falsa notícia é dirigida a um público que já pode ter preocupações ou desconfianças em relação às vacinas, como indicado pela presença da emissora cristã e a ênfase em argumentos contrários à narrativa oficial. Este público-alvo provavelmente já compartilha de uma visão crítica em relação ao que é apresentado pelas instituições governamentais e de saúde, já que o site “Coletividade Evolutiva” é conhecido por ser um site antivacina que publica “notícias”, reportagens e artigos de opinião com informações deturpadas e discursos conservadores. Assim, o objetivo dos enunciados que compõem essa *fake news* é o de alertar o público sobre um suposto perigo iminente associado à vacina de mRNA e mobilizar uma reação de desconfiança, com base em uma alegada ocultação da “verdade”.

Notícia (1)⁷



veja SAÚDE

ALIMENTAÇÃO MEDICINA FITNESS MENTE FAMÍLIA VIDA ANIMAL COLUNISTAS

É VERDADE OU FAKE NEWS?

Notícia falsa faz mal à saúde. Com o apoio de especialistas e da ciência, desconstruímos os mitos que estão sendo curtiados e compartilhados.

Vacinas da Covid podem provocar mal súbito ou AVC?

São apenas boatos as mensagens trocadas em redes sociais sobre a possibilidade de os imunizantes causarem infartos, mortes repentinas ou derrames

Por Fabiana Schiavon

Atualizado em 11 jan 2022, 20h05 - Publicado em 11 jan 2022, 19h16

Mortes repentinas de artistas e atletas por mal súbito ou acidente vascular cerebral (AVC) passaram a ser associadas às vacinas da Covid-19 nas redes sociais e grupos de mensagens.

Mas trata-se de uma campanha de desinformação: o AVC é considerado um evento adverso extremamente raro das vacinas, e não há casos de mal súbito relacionado a elas.

A Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte (SBMEE) inclusive divulgou uma nota enfatizando a falta de evidências sobre o assunto e a segurança dos imunizantes.

“Não há nenhuma evidência científica mostrando qualquer tipo de elevação no número de casos de morte súbita (MS) em atletas. Adicionalmente, não há nenhum dado que mostre uma associação entre vacinas contra o Sars-CoV-2 e MS em atletas ou em praticantes de atividades físicas intensas e/ou frequentes”, diz o texto.

Também não houve aumento de casos de AVC no país. Segundo o DataSus, em média 25 mil pessoas morrem por derrame anualmente no Brasil – e esse número se manteve estável entre 2018 e 2021.

O AVC é o rompimento ou o entupimento de um vaso sanguíneo, que pode deixar sequelas motoras, cognitivas e psicológicas.

Há uma lista de motivos por trás do problema. “Sabemos que os principais fatores de risco são tabagismo, diabetes, hipertensão arterial, sedentarismo, dislipidemia (doença relacionada ao descontrole

⁷ Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/e-verdade-ou-fake-news/vacinas-da-covid-mal-subito-avc>. Acesso em: 12 set. 2023.

dislipidemia (doença relacionada ao descontrole dos níveis de colesterol), doenças cardíacas, obesidade e consumo de álcool”, lista o neurologista e neurovascular Anderson Machado Benassi, do Hospital Santa Paula, em São Paulo.

+ LEIA TAMBÉM: O coronavírus pode atacar o cérebro? Ele causa AVC?

A notícia acima faz parte do blog “É verdade ou *fake news*?”, assinada pela jornalista Fabiana Schiavon, publicada para desmentir a informação que circulava na internet de que vacinas da covid-19 causavam mal súbito ou AVC. O texto apresenta características linguísticas que reforçam a clareza e a objetividade, aspectos essenciais no gênero textual notícia, especialmente ao tratar de saúde pública e desinformação. O uso do pretérito perfeito, como em “Mortes repentinas de artistas e atletas [...] passaram a ser associadas” e “o AVC é considerado”, confere atualidade às informações e reforça sua veracidade. Além disso, o pretérito perfeito, também é utilizado em “não houve aumento de casos de AVC”, destaca fatos concluídos no passado recente, ajudando a organizar os acontecimentos de forma cronológica e lógica.

Para garantir coesão, o texto emprega termos referentes, como pronomes, como verificamos em: “Não há casos de mal súbito relacionado a elas” – O pronome pessoal “elas” refere-se às vacinas contra a covid-19; e expressões coesivas: “Mas trata-se de uma campanha de desinformação” e “diz o texto”. Esses recursos conectam as ideias, evitando repetições desnecessárias e promovendo continuidade textual. Os conectores também desempenham um papel importante: palavras como “Mas” e “Adicionalmente” introduzem contrapontos, enquanto “e” e “pois” adicionam informações ou explicam relações causais. Esses conectores organizam os argumentos e ampliam a compreensão do leitor.

Outro ponto relevante é o equilíbrio entre linguagem técnica e acessível. Termos como “evento adverso”, “dislipidemia” e “AVC” são acompanhados por explicações mais simples, como “o rompimento ou o entupimento de um vaso sanguíneo”. Essa atuação torna o texto compreensível para o público geral sem comprometer o rigor científico. Por fim, a estrutura segue uma lógica objetiva: apresenta o problema (a associação falsa entre vacinas e mortes súbitas), desmente-o com evidências científicas e encerra detalhando os fatores de risco do AVC. Essa organização facilita a assimilação das informações e fortalece a credibilidade da mensagem.

A jornalista evita expressões alarmistas ou emocionalmente carregadas, empregando uma tonalidade factual e informativa. Por exemplo, utiliza-se “o AVC é considerado um evento adverso extremamente raro das vacinas” em vez de expressões que poderiam

amplificar o medo como observado na *fake news* anterior. Com tom informativo, recorre a citação de fontes confiáveis, provenientes de órgãos e especialistas reconhecidos, como a Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte (SBMEE) e o neurologista Anderson Machado Benassi. Essa estratégia reforça a credibilidade do conteúdo. Além disso, a notícia inclui estatísticas precisas, como “em média 25 mil pessoas morrem por derrame anualmente no Brasil”, apresentadas de maneira contextualizada e respaldadas por fontes oficiais, como o DataSus.

A organização textual segue uma sequência argumentativa simplificada, como descrito por Adam (2001; 2011), organizada em três etapas principais:

1. **Dado ou fato:** A abertura contextualiza o tema, ao apresentar as alegações sobre a relação entre vacinas, AVC e morte súbita, esclarecendo que se trata de uma campanha de desinformação.
2. **Apoio e Sustentação do Dado:** O corpo do texto apresenta argumentos e evidências para refutar as alegações por meio de dados estatísticos sobre o AVC são usados para demonstrar a estabilidade histórica de sua ocorrência no Brasil. A Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte SBMEE e o depoimento do médico neurologista, Anderson Machado Benassi, são citados para reforçar a segurança dos imunizantes e refutar as associações entre vacinas e morte súbita.
3. **Asserções Conclusivas:** O encerramento reafirma que não há evidências científicas para sustentar as alegações da *fake news*, enfatizando os fatores de risco tradicionais para o AVC e destacando a segurança das vacinas, apontando para apenas uma conclusão possível.

Essa organização garante que o leitor acompanhe o raciocínio de forma clara, partindo de um contexto geral, passando pela análise de evidências e culminando em uma conclusão fundamentada.

Ao analisar o contexto enunciativo, a notícia revela a busca em combater a desinformação e promover a confiança na ciência e na vacinação, esclarecendo dúvidas e corrigindo informações equivocadas que circulam amplamente em redes sociais e aplicativos de mensagens. Dessa forma, esse texto destina-se a um público geral, incluindo leitores preocupados com a segurança das vacinas e aqueles expostos a narrativas falsas sobre eventos adversos. Nesse panorama, a notícia adota uma postura científica e informativa, fundamentada em dados verificáveis e na opinião de especialistas renomados. Diferentemente

da *fake news*, que tenta criar desconfiança e polarização, a notícia verdadeira se posiciona como um mediador confiável, comprometido com a transmissão de fatos objetivos.

4.2 Síntese dos Resultados: comparação das *fake news* com o gênero notícia

Inicialmente, identificamos que o site “Coletividade Evolutiva” utiliza recursos visuais (layout) semelhantes ao da notícia presente no portal de notícias “Veja Saúde”. Dessa forma, podemos conceber que, de acordo com Marcuschi (p. 176, 2008) “o suporte não deixa de operar como um tipo de contexto pelo seu papel de seletividade. A ideia central é de que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ela.”. Por consequência, é possível prever que há uma intrínseca relação entre o suporte utilizado e o gênero notícia, já que há um esforço do site conspiracionista em fornecer um ambiente virtual típico de um portal de notícias, ao apresentar: ferramentas de busca, marcadores temáticos, *hyperlinks* e uma frase chamativa ao final do texto com link direcionado para um tema semelhante ao que foi noticiado.

Embora as *fake news* (2) e a notícia verdadeira apresentem diferenças substanciais em termos de objetivos e qualidade informativa, elas compartilham algumas características estruturais e discursivas. Essas semelhanças podem ser exploradas para entender como a desinformação tenta imitar características do gênero notícia para ganhar credibilidade. Por exemplo, a *fake news* começa com uma afirmação impactante sobre supostos problemas graves relacionados às vacinas, enquanto a notícia verdadeira apresenta informações sobre os temas discutidos (morte súbita e AVC). Essa introdução tem o objetivo de captar a atenção do leitor logo no início, criando uma narrativa que parece confiável, assim como a notícia busca, a princípio, desmentir uma informação inverídica.

Os textos utilizam exemplos e dados científicos ou institucionais, porém nas *fake news* esses dados são distorcidos ou fabricados, enquanto na notícia verdadeira são baseados em fontes confiáveis. Assim, há um esforço nos textos em contextualizar os fatos ou alegações para sustentar a narrativa, ainda que de maneiras opostas.

Tanto as *fake news* quanto a notícia recorrem a figuras de autoridade para fundamentar suas afirmações. A *fake news* (2) cita o Dr. Charles Hoffer e menciona supostos documentos confidenciais e organizações obscuras, tentando passar uma imagem de credibilidade científica, tal qual a notícia, que faz referência a entidades como a Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte (SBMEE) e especialistas reconhecidos, como o neurologista Anderson Machado Benassi, assegurando a validade das informações. Essa estratégia de apelo à autoridade é central em ambos os textos, mas no caso da *fake news*, é usada de maneira desonesta e sem sustentação verificável, já que o médico mencionado pelo

site “Coletividade Evolutiva” é acusado em diversos processos judiciais pela propagação de informações falsas.

Ambos os textos utilizam narrativas projetadas para causar impacto. A notícia, tentando manter um tom “neutro”, aborda assuntos sérios, como AVC e mortes súbitas, que já possuem uma carga emocional intrínseca, enquanto a *fake news* baseia-se em uma linguagem alarmista para induzir medo e desconfiança. Essa sobreposição de temas e apelos ao impacto emocional é uma das razões pelas quais a *fake news* pode parecer plausível, principalmente para leitores menos críticos.

Dessa forma, a *fake news* é finalizada com uma asserção alarmista e generalizante, já a notícia verdadeira conclui, reafirmando a segurança das vacinas e desmentindo boatos. Ambos os conteúdos buscam deixar o leitor com uma impressão impactante e esclarecedora sobre o tema, elaborando um posicionamento que influencia na opinião do público-leitor. Tal influência pode ser observada tanto na afirmação inicial da *fake news* empregada pelo site “Coletividade Evolutiva”, como na pergunta que desencadeia o título da notícia. Para fins de sistematização da análise, elencamos, no Quadro 1, os aspectos importantes identificados nos três textos:

Aspecto	<i>Fake news</i>	Notícia
Apelo à emoção	Medo e desconfiança	Confiança e esclarecimento
Uso de autoridade	Figuras isoladas e questionáveis (Dr. Charles Hoffe)	Entidades reconhecidas (SBMEE, DataSus)
Evidências	Exemplos anedóticos e documentos vagos	Dados concretos e verificáveis
Linguagem	Sensacionalista e polarizadora	Informativa

Quadro 1: **Comparação de Estratégias Retóricas**

Fonte: elaboração própria

As semelhanças entre a *fake news* e a notícia residem, principalmente, na estrutura informativa, no apelo à autoridade e no tratamento de temas de interesse público. No entanto, essas características, que são essenciais ao gênero notícia, são exploradas de forma manipulada pela *fake news* para mascarar sua falta de credibilidade e persuadir o público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa sobre as *fake news* disseminadas nas redes sociais durante a pandemia de covid-19, com base teórica na Linguística de Texto e análise comparativa com o gênero textual notícia, permitiu uma visão abrangente sobre como informações falsas são estruturadas e difundidas. A análise das *fake news* selecionadas revelou uma série de estratégias discursivas, escolhas linguísticas e técnicas de manipulação que são utilizadas para influenciar e enganar o público.

As *fake news* analisadas empregam uma linguagem que combina verbos no presente do indicativo, na terceira pessoa do plural, com expressões alarmistas e pejorativas. Essa combinação busca conferir um tom de autoridade e urgência às informações falsas, manipulando o leitor a aceitar as alegações sem questioná-las criticamente. Dessa forma, a análise das escolhas linguísticas, como o uso de determinados de tempos e modos verbais e conectores causais, revelou a construção de uma narrativa coerente que distorce a realidade, gerando um impacto emocional imediato.

Nesse sentido, a linguagem empregada nas *fake news* e na notícia também apresenta pontos de convergência e divergência, podendo ser usados termos técnicos e conectores lógicos para dar coerência às ideias. No entanto, as *fake news* abusam de adjetivações alarmistas e expressões emocionais – como "urgente", "bomba" ou "devastador" –, enquanto as notícias legítimas adotam um tom distanciado de emoções e informativo. Aliás, as *fake news* frequentemente utilizam perguntas retóricas e exageros para manipular emoções, ao passo que as notícias priorizam explicações fundamentadas. Ao traçar um paralelo com a notícia, é possível identificar que as *fake news* compartilham elementos estruturais e linguísticos que, à primeira vista, as fazem parecer legítimas: apresentam uma estrutura formal composta por introdução, desenvolvimento e conclusão, além de se apoiarem em estratégias de comunicação que visam prender a atenção do leitor. No entanto, uma análise mais profunda revela diferenças fundamentais em termos de objetivos, escolhas linguísticas, fontes e credibilidade.

Em relação à organização textual das *fake news*, destacamos uma estrutura bem definida, iniciando com uma afirmação alarmante, seguida por uma sustentação duvidosa de dados ou pesquisas não verificadas e terminando com uma asserção conclusiva, muitas vezes de cunho conspiracionista. Essa estrutura é projetada para manipular a percepção do leitor, criando um ciclo de recepção de informações falsas e dificultando o discernimento crítico. A disseminação dessas *fake news* ocorreu principalmente em plataformas que não são

consideradas fontes confiáveis de informação, a exemplo de sites conspiracionistas e redes sociais.

A análise do contexto enunciativo revelou como a falta de confiança nas fontes oficiais e a presença de um ambiente digital fragmentado facilitam a propagação de desinformações. Portanto, apesar de ocorrer uma certa regulação em relação a produção de *fake news*, ainda é notável que a velocidade com que essas mensagens se espalham torne difícil para a sociedade identificar e corrigir os equívocos informacionais. Consequentemente, o impacto dessas *fake news* sobre vacinas é significativo, pois tais textos contribuem para a hesitação da vacinação e afetam negativamente a saúde pública. Ademais, essas desinformações reforçam a desconfiança nas instituições científicas e no governo, agravando a crise sanitária e os setores da ciência.

Além do mais, a notícia busca informar o público, muitas vezes estimulando uma reflexão crítica, ao passo que as *fake news* exploram a desinformação para reforçar narrativas falsas. A diferença mais marcante está nos objetivos comunicativos. Enquanto as notícias buscam informar, esclarecer e educar, as *fake news* visam enganar, manipular ou provocar reações emocionais intensas, como medo, raiva ou desconfiança.

Assim, esta Monografia não apenas destacou as características linguísticas e discursivas das *fake news*, mas também ofereceu uma reflexão sobre o papel da comunicação digital na disseminação de informações falsas. Concluímos que, para combater eficazmente a desinformação, é necessário fortalecer o papel da educação científica e a formação de habilidades de crítica e de análise nos indivíduos. Ao mesmo tempo, o fortalecimento do jornalismo de qualidade é indispensável para garantir que as notícias cumpram sua função social de informar de forma compromissada com a realidade dos fatos. Dessa forma, promover um ambiente de comunicação mais consciente e responsável é de extrema necessidade para a construção de uma sociedade mais informada e crítica diante dos desafios da era digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J-M. **A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2011.

BANYASZ, A.; PRIOR, H. **A desconstrução do ‘fato falso’ na era da pós-verdade: jornalismo, desinformação e fact-checking no novo ecossistema digital**. Mídia, Discurso e Linguagem em Transformação, Campo Grande/MS: Ed. UFMS, p.89-114, 2022. Ebook. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/7291/1/M%C3%ADdia_discurso_e_linguagem_web.pdf. Acesso em: 20 mai. 2024

BARDOEL, J.; DEUZE, M. **Network journalism: converging competences of old and new media professionals**. Australian Journalism Review. p. 91-103, 2001 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267969191_Network_Journalism_Converging_competences_of_old_and_new_media_professionals. Acesso em: 5 set. 2024.

BARROS, D. **As fake news e as anomalias**. *Verbum*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 26-41, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50523>. Acesso em: 10 out. 2023.

BLANS, L. S. **A análise da mentira em Agostinho**. 2012. 154 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2012.

BENTES, A. C. **Linguística Textual**. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p.246-285.

CHARAUDEAU, P. **A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade**. São Paulo: Contexto, 2022.

COUNTANT, A. **As fake news são sintoma de quê? Fake News e Saúde**. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz: Gerência Regional de Brasília, p.15-29, 2020. Ebook. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/42586>. Acesso em: 22 fev. 2024.

DITTRICH, I. J. **For a rhetoric of discourse: technical, emotional and representational argumentation**. *Alfa*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 21-37, 2008.

DUCROT, O.; OLIVEIRA, L. A. (org.) **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 183-208.

FÁVERO, L. L. **Intencionalidade e aceitabilidade como critérios de textualidade**. *Cadernos PUC*, 22: Linguística textual/ texto e leitura, p. 31-38, 1985.

KOCH, I. V. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público deve exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

MARCUSCHI, L. A. **A produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MCCOMBS, M.; DONALD L. **The agenda-setting function of mass media**. Public opinion quarterly. Volume 36, Issue 2. p176-187, 1972. Disponível em: <https://academic.oup.com/poq/article-abstract/36/2/176/1853310?login=false>. Acesso em: 15 set. 2024.

MENESES, J. P. **Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news**. *Observatorio (OBS*)*, v. 12, n. 5, 2018. Portugal, p. 37-53, 2018 Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376>. Acesso em: 10 fev. 2024.

NYHAN, B.; REIFLER, J. **The Effect of Fact-Checking on Elites: A Field Experiment on U.S. State Legislators**. American Journal of Political Science, v. 59, n. 3, p. 628-640, 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/ajps.12162> . Acesso em 22 set. 2024.

RAMONET, I. **A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídia**. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

SILVA, J. M. da. **Fake news, a novidade das velhas falsificações**. In: SILVA, J. *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade: Manipulação, Polarização, Filter Bubbles*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. p. 33-45.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUZA, I. D. L. **O fenômeno social das “fake news” e os impactos nos direitos: a (in)efetividade da proteção jurídica dos direitos fundamentais**. Dissertação (Mestrado em direito) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p.11-95, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_68814226969c7952bc32a2d923a1d2bc. Acesso em 25 abr. 2024.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. São Paulo: Contexto, 2012.

WARDLE, C.; DERAQSHAN, H. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg (FR): Council of Europe, 2017.